

Outro jornalismo de sempre? Encontros teóricos numa busca epistemológica¹

Cristiane Naiara Araújo de SOUZA²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este texto tem o escopo de ser uma reflexão bibliográfica acerca dos fundamentos teórico-epistemológicos da Comunicação, de modo geral, e do Jornalismo, especificamente, a fim de problematizar as práticas da atividade, a abordagem das pesquisas e as transformações por que este vem passando no século XXI. Está dividido em duas partes: na primeira, são acionados Luís Mauro Sá Martino (2018), José Luiz Braga (2011), Luiz Cláudio Martino (2003) e Silveira (2021); na segunda, o diálogo orbita em torno das ideias de Genro Filho (1987), Berger e Marroco (2006) e Rocha (2011). Ao pensar o jornalismo como forma de conhecimento, a partir de tais contribuições, vislumbra-se que, para se manter relevante, essa atividade deve avançar para além das premissas tradicionais, revisando os aspectos teóricos e as bases epistemológicas que podem reconfigurá-la na sociedade de hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Epistemologia; Teorias; Século XXI.

INTRODUÇÃO

Quando pensamos em jornalismo, de modo quase inevitável, as primeiras e mais vibrantes imagens a povoar nossas mentes são as de um repórter absolutamente envolvido numa atividade pragmática e bem equipado com seu fiel bloco de notas, uma caneta e um *smartphone* – não raras vezes, o repórter carrega apenas o multifuncional aparelho, capaz de auxiliá-lo nas variadas tarefas técnicas de apuração em campo.

Nas faculdades de Comunicação mundo afora, os aprendizes de jornalista encaram com alguma frustração o encargo de estudar as “teorias” – normalmente ministradas nos períodos iniciais, ávidos que estão para aprender sem demora todo o processo de feitura das notícias. Sonham absorver logo o jargão da área e aplicar nas conversas de corredor termos como pauta, *lead*, *release*, fonte, sonora. Afinal, para boa parte dos graduandos, o jornalismo é para se fazer, não para se pensar (seja a respeito ou através dele).

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (modalidade virtual).

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS, e-mail: comunica.manaus.am@gmail.com.

Ousamos, nas linhas deste breve *paper*, propor a reflexão sobre o jornalismo que se pensa a partir de discussões empreendidas na disciplina Teorias da Comunicação, cursada no primeiro semestre de 2021 junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS), tendo sido ministrada pelo professor Fabrício Silveira. De saída, frisamos que a intenção do texto é, sobretudo, conduzir uma reflexão pontual, destacando o deslocamento do jornalismo compreendido apenas pelo viés prático. Assim, ao elucidar alguns de seus fundamentos epistemológicos, vislumbramos um profícuo diálogo entre as teorias e as práticas.

Para auxiliar nessa tarefa, foram selecionados textos de Luís Mauro Sá Martino (2018), José Luiz Braga (2011), Luiz Cláudio Martino (2003) e Fabrício Silveira (2021), cuja contribuição é no sentido de abordar a epistemologia³ relativamente à comunicação.

Nada obstante, outros autores são acionados com o escopo de qualificar a discussão teórico-epistemológica quanto ao jornalismo, a fim de avançarmos nestes dois aspectos: primeiro, compreender a relevância da epistemologia e das teorias para o jornalismo no século XXI, diante de tantas transformações e incertezas; e, segundo, exercitar a reflexão qualificada da pesquisa em jornalismo, que permita pensá-lo no bojo de um contrabalanço prático-teórico, ainda que a tendência seja enxergá-lo sempre a partir das potencialidades tecnológicas por ele absorvíveis e pelas evoluções midiáticas que atualizam sua prática.

De modo específico, o texto ajuda a discernir equívocos comuns no enquadramento das propostas acadêmicas da pesquisa em jornalismo, a saber: 1. Percursos metodológicos vinculados ao paradigma estrutural-funcionalista, mas que almejam a uma análise crítica (do processo de produção jornalística, por exemplo), pelo que se nota a incompatibilidade entre meios e fins; 2. Enfoque no aspecto tecnológico/operacional (uso de ferramentas, *softwares*, perfil “multitarefa”, narrativa hipermidiática, exploração de dados complexos, adaptações a dispositivos móveis e aplicações), com um evidente destaque para os meios técnicos como determinantes das transformações no processo noticioso; e 3. Articulação inadequada entre os objetos epistemológico (do campo), teórico (do tema) e empírico (da pesquisa), prescindindo, assim, da relevância de discutir tal aspecto nas pesquisas da área de comunicação, sejam elas teóricas ou mesmo experimentais e aplicadas.

³ “[...] a epistemologia é o estudo do conhecimento científico [...]. Ela se opõe à filosofia da ciência por se ocupar de problemas mais específicos e próprios do conhecimento científico, como os de seu objeto, classificação, método (critérios de validade, de operação) e de sua fundamentação (lógica e ontológica)”; assim, em resumo, ela é uma disciplina filosófica que toma a ciência como objeto. (MARTINO, 2003, p. 80-81).

2 EPISTEMOLOGIA E COMUNICAÇÃO: TRAÇANDO UM PANORAMA

Iniciamos a breve jornada aqui proposta pela Comunicação e o *status* que reservam a ela os comunicólogos. Há, em síntese, três posições a serem assumidas. A primeira é de que seja ela uma disciplina *sui-generis* (quase uma arte e, portanto, com baixo índice de cientificidade). A segunda é a de uma ciência aplicada, definida essencialmente pelas suas técnicas e práticas profissionais específicas, isto é, sem a responsabilidade de elaborar os próprios conhecimentos, mas apenas aplicar os de outras disciplinas, como a sociologia, a psicologia e a ciência da informação. Por fim, a comunicação também pode ser encarada pelos pesquisadores com um campo de estudos, jamais como uma disciplina⁴ científica.

De uma forma ou de outra, tais visões desse virtual posicionamento da comunicação no panteão do saber científico acabam minando as possibilidades de discuti-la sob o viés da epistemologia. No Brasil, por exemplo, é inserida na área de conhecimento intitulada Ciências Sociais Aplicadas⁵ pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e tal divisão serve de baliza para a aprovação de projetos de pesquisa e para alocar recursos no fomento científico da área. Não é que se negue cabalmente suas extensas vinculações técnicas e tecnológicas, mas não há conhecimento prático/aplicado que não seja também afiliado a teorias balizadoras próprias. Nesse sentido, frisa-se: “todo trabalho científico comporta uma dimensão epistemológica”, bem na esteira daquilo que os epistemólogos⁶ definem como epistemologia aplicada. (MARTINO, 2003, p. 81-82).

Não se trata de tachar epistemologias mais agregadoras ou da complexidade⁷ como aquelas que buscam elidir as fronteiras disciplinares arraigadas ao pensamento cartesiano por estarmos, nós, presos a esse mesmo pensamento fragmentado. Pelo contrário, por

⁴ Palavra “usada para se referir tanto à organização de conhecimentos na relação pedagógica quanto o controle desses saberes” que tem seu uso inicialmente na Idade Média, à época de criação das primeiras universidades. Já no período mais recente, Foucault dedicou-se ao tema, procurando entender “como e por que, de um momento para outro, um grupo de conceitos, ideais e modos de pensar são definidos como uma disciplina”. (MARTINO, 2018, p. 21-22).

⁵ Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/arvore-do-conhecimento>. Acesso em: 20 jun. 2021.

⁶ Dentre os epistemólogos clássicos, destacamos estes, bem como suas principais concepções: i. Para Popper, “quando um dado (empírico) falseia uma teoria vigente, a ciência prospera, avança, progride. Este avanço, entretanto, não decorre da simples refutação da teoria científica, mas da necessidade que tal refutação implica de se encontrar uma teoria alternativa que responda às perguntas que agora estão sem resposta”; ii. Em Thomas Khun, os paradigmas, que têm papel central para as sucessivas revoluções científicas, “são conhecimentos científicos, plenamente aceitos por uma comunidade, que fornecem problemas e soluções relativos a um campo de investigação”; iii. Para Imre Lakatos, sob influência crítica das formulações popperianas, argumenta que o falibilismo “configura-se como um critério de demarcação entre a ciência e a não-ciência mais flexível do que aquele proposto por Popper [falseacionismo]”; iv. Já Larry Laudan baseia-se na “resolução de problemas; ele defende que o progresso da ciência ocorre por meio do exercício processual de resolver problemas”, progredindo-se pelo “surgimento de novas e mais eficazes teorias, que são capazes de solucionar um maior número de problemas em relação à sua antecessora”. (SILVA et al., 2018).

⁷ Ao explorar distintas concepções para a epistemologia, FRACELIN (2005) aborda, em especial, as contribuições de Gaston Bachelard e Edgar Morin para a epistemologia da complexidade.

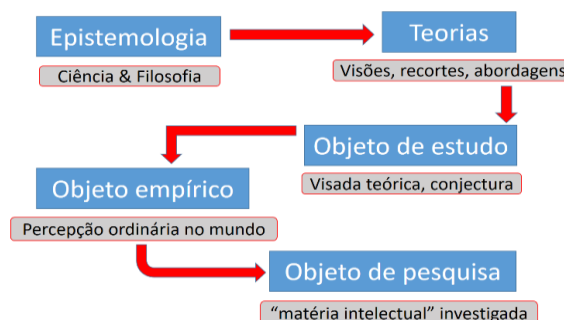
reconhecer a contribuição da interdisciplinaridade para a comunicação é que cremos na essencialidade de que ela pode/deve possuir seus próprios fundamentos epistemológicos, as referências que, ao distingui-la de quaisquer outras disciplinas, também a aproximam delas ali nas suas bordas. Inclusive, a interdisciplinaridade e a complexidade não rejeitam a existência das disciplinas, mas almejam, isto sim, que os conhecimentos disciplinares estejam em constante correlação uns com os outros, enriquecendo-se mutuamente.

Embora a área esteja institucionalmente consolidada, com os Cursos de Comunicação atuantes, há pouco consenso na definição a respeito do objeto, métodos e teorias na pesquisa em Comunicação. Ao longo dos últimos cem anos, mais ou menos, a pesquisa na área explorou uma quantidade considerável de trilhas, definiu dezenas de objetos e se misturou com vários outros campos do conhecimento para compreender melhor os fenômenos da Comunicação. Há dezenas de teorias da Comunicação, cada uma delas propondo sua definição da Comunicação, seus objetos e métodos de estudo. (MARTINO, 2018, p. 21).

Outrossim, no debate sobre o objeto da comunicação, algumas questões instigam os pesquisadores. A primeira delas é esta: Como definir uma pesquisa de comunicação? Pode-se responder de pronto que seria pelo seu objeto empírico ou pelos objetos naturais, aquilo que corresponderia, no domínio das materialidades, às tecnologias, aos suportes midiáticos, aos produtos e processos ou, ainda, aos seus usos sociais. Segundo SILVEIRA (2021 b, p. 21), “o objeto de uma disciplina não pode ser visto como uma ‘coisa’, mas uma ‘noção’, um ângulo construído, um tipo de abordagem. Tal modo de ver pode ser aplicado, então, para objetos materiais, concretos e vivos diversos”.

Há uma evidente confusão entre o empírico, o teórico e o epistemológico. Para nossa área nem sempre é clara a distinção entre os processos comunicacionais (que são os fenômenos), as teorias (que são as abordagens e modelos de explicação desses fenômenos) e a discussão epistemológica (que são as reflexões sobre os modelos teóricos). (MARTINO, 2003, p. 91).

Figura 1: A definição dos objetos na pesquisa



Fonte: sintetizado de Martino (2003).

Conforme argumenta Martino (2003, p. 85), a questão atinente ao objeto do saber comunicacional prescinde do exercício de “olhar o mundo a apontar o que a Comunicação pode ou não estudar, porque o objeto comunicacional não pode preceder o saber que o institui, mas explicitar qual a compreensão que o saber comunicacional tem daquilo que investiga”. Inclusive, são as teorias eleitas que darão as lentes de enxergar os respectivos objetos de estudo da nossa perspectiva de comunicólogos.

Ainda na visão desse autor (2003), os processos comunicacionais são os fenômenos tomados como objetos de estudo, as teorias são as explicações acerca dos aspectos desses fenômenos e, por sua vez, a epistemologia refere-se às reflexões sobre as teorias. Isto é, não há teorias sem que antes a reflexão epistemológica tenha progredido, de modo que, em última análise, através da aplicação das teorias da comunicação aos casos particulares é que as discussões epistemológicas irradiam nos processos comunicacionais.

Nessa perspectiva, o fator a ser analisado para se atribuir o devido enquadramento à pesquisa na comunicação será a interação social. Ao aceitar o objeto comunicacional formulado por Rüdger (1998), o de “conversação social”, como um ponto de partida para o seu próprio, Braga (2011, p. 66) faz uma ressalva de que “as expressões ‘conversação’ e ‘conversa’ tomam como metáfora e ampliam para o espaço social amplo o que ocorre entre pessoas em situação presencial [...]”, preferindo fazer uso de “interação social” como o objeto, podendo variar para apenas ‘interação’ ou “interação comunicacional” (Ibid.). E assim detalha o autor:

[...] o objeto da Comunicação não pode ser apreendido enquanto ‘coisas’ nem ‘temas’, mas como certo tipo de processos epistemicamente caracterizados por uma perspectiva comunicacional – nosso esforço é o de perceber processos sociais em geral pela ótica que neles busca a distinção do fenômeno. (BRAGA, 2011, p. 66).

Prosseguindo, consideramos sensato questionar acerca dos fundamentos do saber comunicacional. Neste ponto, não custa nada lembrar que, ao tratar a comunicação como ciência, também assumimos, como pesquisadores, a responsabilidade de urdir e estruturar seus fundamentos, fazendo atualização dos conhecimentos produzidos e, naquilo que nos cabe, implementando propostas de melhorias. Aliás, é precisamente dessa maneira que o conhecimento se engendra, que os paradigmas se constituem e que as teorias surgem para explicar e modelar fenômenos de determinada área do saber.

Por conseguinte, cabe ao pesquisador situar o fenômeno comunicacional nas suas investigações, esboçando “[...] capacidade para desvelar e explicitar os processos que, de um modo ou de outro, resultem em distinção crescentemente clara sobre o que se pretenda caracterizar como ‘fenômeno comunicacional’ relacionado aos temas e questões de nossa preferência”. (Braga, 2011, p. 66). E será tal fenômeno, segundo o autor, a definir que se está diante de uma pesquisa em comunicação.

Dentre os fenômenos comunicacionais notáveis desde a era moderna, não se olvida que o jornalismo tem ocupado lugar de destaque. Ele tem se adaptado com relativo êxito, através dos anos, a suportes tecnológicos, métodos de trabalho e ferramentas disponíveis na indústria da notícia. No mesmo passo em que houve um natural e inevitável avanço no quesito técnico, o aspecto teórico-epistemológico – também indispensável – não recebe igual atenção dos pesquisadores. Na sequência, propomos um debate da epistemologia em relação ao jornalismo. Ainda que pontual, a explanação reverbera o entendimento do jornalismo como uma forma de conhecimento e as implicações disso na atualidade.

3 REFLEXÕES SOBRE O JORNALISMO NO SÉCULO XXI

‘O Segredo da Pirâmide’, obra de título criativo em que foi explorado um termo corriqueiro no jargão jornalístico, não teve a recepção esperada no ano de seu lançamento, em 1987. Todavia, tornou-se leitura obrigatória para iniciantes e iniciados nas teorias do jornalismo em nosso país nestas últimas décadas. O professor Adelmo Genro Filho⁸, que fez carreira nas redações e se engajou em lutas político-partidárias pela redemocratização brasileira, propôs uma teoria marxista para o jornalismo em sua dissertação.

Segundo afirma, o jornalismo é uma “forma social de conhecimento, historicamente condicionada pelo desenvolvimento do capitalismo, mas dotada de potencialidades que ultrapassam a mera funcionalidade a esse modo de produção” (GENRO FILHO, 1987, p. 4). Nessa lógica, o autor vai expondo as clássicas visões teóricas do jornalismo.

Em relação ao Funcionalismo, Genro Filho critica sua pretensão de objetividade e imparcialidade, capaz de omitir as subjetividades inerentes a toda comunicação humana. Quanto à Escola de Frankfurt, denuncia a unilateralidade ao tratar temas exclusivamente sob o viés da manipulação, admitindo a instituição jornalística como mero partícipe.

⁸ Vida e obra do autor, que nomeia o Prêmio de Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), estão disponíveis neste endereço: <http://www.adelmo.com.br/index1.htm>. Acesso em: 18 jul. 2021.

Para ele, ambas as abordagens se mostram insuficientes para apreender o jornalismo da perspectiva histórica – extrapolando sua origem como subproduto ligado à burguesia – e avançando no ideal de incorporar “potencialidades socializantes e humanizadoras” (Ibid., p. 5). Assim, tendo como proposta qualificar o jornalismo como uma modalidade de conhecimento e elaborar uma teoria marxista capaz de guiá-lo, o autor intenta aplicar, nessa empreitada, o método dialético-materialista:

[...] tomada esta expressão não no sentido do "reducionismo economicista" ou do "naturalismo dialético" – o que conduz a um enfoque de matiz positivista – mas numa perspectiva marxista que toma as relações práticas de produção e reprodução da vida social como ponto nodal da autoprodução humana na história. Ou seja, trata-se de uma maneira de considerar a realidade histórico-social que compreende as determinações subjetivas como algo real e ativo, uma dimensão constituinte da sociedade, mas que só pode ser apanhada logicamente em sua dinâmica como momentos de uma totalidade que tem na objetivação seu eixo central. Em síntese, um enfoque que toma a práxis como categoria fundamental. (GENRO FILHO, 1987, p. 12).

Ao traçar um paralelo com dois textos que abordam teorias clássicas⁹ – em especial sobre a *Mass Communication Research* e a Escola de *Frankfurt* – notamos uma evidente vinculação da mídia com a ordem/o sistema capitalista, seja atuando como argamassa do *status quo* cristalizado (objetividade e imparcialidade aceitas como a exata reprodução de um real estabilizado), seja como inescapável artilheiro controlador, apto a manipular as mentes e os corações das audiências. Em se tratando do jornalismo, os “formadores de opinião” serviriam bem a esses desígnios manipulatórios por meio de suas funcionais narrativas.

Todavia, não é mérito deste trabalho adentrar tal discussão com profundidade, mas na proposta de pensar o jornalismo presente com auxílio de autores cujas discussões têm sido renovadas ao menos desde as crescentes e profundas transformações sociotécnicas e geopolíticas as quais, de um jeito ou de outro, ajudam a atualizar esse fazer profissional.

Nesse sentido, somos cientes de que todo conhecimento é historicamente situado. Em relação à história da ciência, KHUN aponta: “[...] em vez de procurar as contribuições permanentes de uma ciência mais antiga para nossa perspectiva privilegiada, procurando apresentar a integridade histórica daquela ciência, a partir de sua própria época”. (1998,

⁹ Araújo (2001) sintetiza correntes da chamada pesquisa norte-americana ou *Mass Communication Research*. Quanto ao jornalismo, destacamos a hipótese da agenda setting, também chamada de “Teoria dos Efeitos de Longo Prazo”, cuja base são os estudos de Katz, Blumler e Eliot (usos e gratificações) e pensa a ação dos meios como alteradores da estrutura cognitiva das pessoas pelo agendamento. Já a Escola Crítica Europeia, abordada na obra de STRINATI (1999), adota uma visão elitista de cultura e produção cultural e pessimista acerca de alternativas emancipadoras em relação ao sistema capitalista e o uso instrumental (aparelhos ideológicos) que o Estado faz da mídia.

p. 22). Trata-se de uma historiografia que considera experiência, conhecimentos prévios, crenças do investigador e as relações que ele mantém com a comunidade circundante.

Berger e Marroco (2006), na indispensável ‘Era Glacial do Jornalismo’ – da mesma forma que Genro Filho fez em seu ‘Segredo da Pirâmide’ – citam Otto Groth (1875-1965) pela contribuição pioneira na “constituição do pensamento jornalístico” diferenciado da sociologia, muito embora ele dependa desta e de outras ciências. Para o precursor Groth, o jornalismo “não deveria se converter em uma área importante da ‘sociografia’ e, por sua complexidade, uma ciência do jornal dependeria, isso sim, das ciências gerais da sociedade [sociologia e estatística]” (Ibid., p. 12).

Groth acrescenta à lista quatro auxiliares: i) ciências da economia e do trânsito; ii) ciência política e o direito; iii) ciência literária; e iv) disciplinas filosófica e psicológica. Para hoje, ousamos dizer que são indispensáveis conhecimentos em busca, interpretação e visualização de grande volume de dados digitais e literacia midiática¹⁰ – esta, sabemos, válida para todos os *prosumidores*¹¹ de conteúdo. Desse arcabouço de *saberes-fazer* é que o jornalista extrai sua peculiar contribuição para bem noticiar.

Ainda dentro do quadro das chamadas *social theories*, mas já dando pistas das epistemes endógenas que se dedicarão a epistemologizar o campo jornalístico, Weber, Lippmann (19889-1974) e Park refletem intensivamente sobre a notícia e sobre sua estrutura. Segundo Weber, a notícia é uma obra intelectual realizada apressadamente, por encomenda [...] Park considera a notícia uma forma elementar de conhecimento. Dotada de um contexto interpretativo, que se pode conseguir observando períodos de tempo extensão e através de técnicas quantitativas e qualitativas precisas inerentes ao que se considera ‘jornalismo de precisão’ [...] Lippmann afirma que a notícia é um relato de segunda mão, que não implica somente a moralidade do repórter, mas sim o resultado de sua inserção em um processo cultural que deve integrar a observação de qualquer ser humano em sua busca pela verdade. (BERGER e MARROCO, 2006, p. 13-14).

Relativamente ao jornalismo vivenciado e reformatado no dia a dia das redações brasileiras, Rocha salienta a importância da epistemologia para esse exercício. Segundo o autor, deve-se reconhecer que existe uma “complexidade intelectual envolvida no ofício de selecionar e codificar as notícias [...] no ofício de atualizar as referências com que os cidadãos embasam seus posicionamentos na vida cotidiana”. (ROCHA, 2011, p. 21). Esse seria precisamente o foco do fazer jornalístico na matriz processual e na ‘missão social’.

¹⁰ Para Lopes (2018), é a capacidade de aceder, criar, avaliar e compreender mensagens dos meios de comunicação.

¹¹ Neologismo criado para designar pessoas que, pelo uso de ferramentas digitais, produzem e consomem conteúdo.

Avançando para além do embate entre as escolas clássicas supramencionadas, ainda que reforce a crítica ao positivismo como fundamento para os mitos da verdade objetiva e da notícia como se fosse um espelho do real, o autor disserta, principalmente, sobre “a questão epistemológica do deslocamento da teoria da verdade como correspondência entre enunciado e realidade para a teoria consensual da verdade fundamentada na teoria pragmática do conhecimento”. (ROCHA, 2011, p. 21). Pondera ele:

A falta de referências epistemológicas consistentes, como as de uma teoria pragmática do conhecimento, certamente dificulta o desempenho excelente do jornalista na construção de uma notícia de qualidade. Sem um instrumental teórico que fundamente adequadamente a sua prática profissional, o jornalista fica sem defesas para enfrentar condicionamentos como as pressões econômicas pela espetacularização. O compromisso de buscar conferir maior representatividade e legitimidade ao produto jornalístico implica no respeito ao discernimento intersubjetivo de seus auditórios, descartando [...] a apresentação da notícia como se fosse a própria realidade. (ROCHA, 2011, p. 25).

Ancorando aquela tradicional resistência “à presunção do positivismo cientificista” nos argumentos de Boaventura de Souza Santos, quando este epistemólogo reflete sobre o diálogo entre a ciência e o senso comum, Rocha (2011, p. 24) destaca ainda: “a **ciência moderna** distinguiu-se **desqualificando o senso comum** como falso, ilusório e superficial, mas, com isso, desprezou algumas virtualidades dessa forma de conhecimento” (grifamos). Adiciona-se a isso esta visão sobre as epistemologias críticas, absolutamente válida quando se concebe o jornalismo como forma de conhecimento:

As epistemologias críticas, que nas últimas décadas têm se dedicado a desmistificar o preceito positivista da infalibilidade da Ciência e a demonstrar o caráter cultural e histórico de toda a forma de conhecimento, contribuíram para destruir o ideal de uma verdade única e obrigatória e, principalmente, para estabelecer os limites lógicos de qualquer reivindicação de objetividade [...]. (MEDITSCH, 2007, p. 278 apud. ROCHA, 2011, p. 26).

Neste ponto, convidamos ao debate um autor ainda pouco acionado quando se trata de comunicação e jornalismo, em particular. Feyerabend, em ‘Contra o Método’, faz uma provocação que contrapõe o chamado monismo metodológico, isto é, “a ideia de que o método científico é um só e a única via para a obtenção de conhecimentos” (Silveira, 2021, p. 5). O realismo de Feyerabend é pluralista, hipotético e instrumental, conforme sintetiza Silveira (2021), sendo caracterizado como um tipo de *anarcoepistemologia*, por meio da qual o seu fundador defende a livre criação das ideias... ideias tais independentes de convicções ou de apriorismos, sejam eles relativistas ou metodológicos.

Fragmentação. Casuística. Diversidade exuberante. Saberes cruzados e corresponsivos. Apesar disso, Feyerabend não é um epistemólogo pós-moderno, restringindo-nos à aceção que Boaventura de Sousa Santos deu ao terno [...] numa síntese, confronta a primazia da razão no que tange às práticas científicas. Alega que não existem, na acidentada história da ciência, evidências suficientes para acreditarmos que o progresso científico decorra de um acúmulo progressivo de racionalidade e capacidade explicativa [...]. Ou seja: suspeita da capacidade humana de compreensão racional do mundo, ponderando que recai sobre ela uma confiança exagerada. (SILVEIRA, 2021, p. 6-7).

Sem a pretensão de desmerecer em tudo a racionalidade científica, mas, ao mesmo tempo, convencido de que um tal “cientificismo” – que, segundo ele, seria uma *ideologia da ciência* – consegue corroer as possibilidades de trânsito bem orientado fora dos rigores metodológicos e da linguagem científica, o autor advoga em favor de uma “externalidade necessária, capaz de contrabalançar os desígnios da razão” (SILVEIRA, 2021, p. 8).

Traçando uma correspondência com a atividade jornalística, notável a urgência de se repensar acerca das bases epistemológicas, teóricas e metodológicas sobre as quais esse exercício tem sido sustentado como relevante ao longo da história. Permanece essa instituição indispensável, quando o acontecimento é acompanhado instantaneamente por câmeras de *smartphones* e compartilhado numa velocidade que a edição noticiosa não alcança? O que teriam os jornalistas, de fato, para oferecer às sociedades hiperconectadas para além do tradicional – e questionável – “relato objetivo e imparcial da *realidade* em recorte” que costumava contentar suas audiências não muito tempo atrás?

Já caminhando para arrematar as questões suscitadas, destacamos a contribuição específica dos textos para a proposta de tese por nós esboçada. Enquanto há cerca de uma década, a Web 2.0 preconizava a virtual desnecessidade da mediação jornalística – com lastro na propalada ideia de democratização do ciberespaço e as potencialidades de acesso universal, hoje assistimos à imprescindibilidade da atuação de jornalistas em pelo menos duas frentes: a **curadoria de notícias** (em decorrência do crescente volume de notícias lançadas na rede a cada instante, inundando o *Big Data*¹²) e a **verificação ou checagem** de conteúdos (autorregulação como estratégia e movimento de combate à desinformação, assumindo a difícil tarefa de manter a “salubridade” do ecossistema informativo).

Na atualidade em que estamos insertos, ao assumir novas tarefas, o jornalista agrega sobretudo outras responsabilidades, de modo que seu fazer tem sido deslocado do aspecto

¹² Lewis e Westlund (2014) propõem um ponto de partida conceitual que aborda jornalismo em relação ao *Big Data*, onde é possível observar reações diversas dos produtores de conteúdo, como resistência e proatividade.

puramente técnico, com vistas à objetividade da tarefa de reportar fatos noticiáveis, para se consolidar como uma prática essencial para as “sociedades super (des) informadas” e, conseqüentemente, para o aperfeiçoamento das democracias. Como nunca antes, válido é o truísmo de que “quantidade não significa qualidade”; ou, por analogia, “a habilidade de aplicar ferramentas tecnológicas/computacionais não pressupõe a qualidade da notícia”.

Assim, ao revisitar nossa proposta de tese, julgamos ser indispensável vê-la pela perspectiva das epistemologias que hoje guiam nosso fazer, contrastando-as ainda com o significado do jornalismo e do ser jornalista e pesquisador em jornalismo no século XXI.

As respostas para as inquietações que tensionam essa busca por uma realocação epistemológica, teórica e metodológica de tal atividade – concebida sob forte influência pragmática e industrial – cogitamos, estará sendo edificada cada vez que avançarmos na desconstrução de certas teorias e práticas outrora inquestionáveis, cada vez que a notícia agregar representatividade e diversidade cultural, não só simplificando as complexidades inerentes à vivência social, mas favorecendo a emersão de outros olhares através dela.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este paper, traçamos uma linha de argumentação que consideramos ter sido capaz de compreender – ainda que sucintamente e pelo recorte teórico presente nos textos acionados – inadiáveis debates epistemológicos na Comunicação. Assim, reconsideramos a visão sobre a relevância desses aspectos para a atividade jornalística e, daqui em diante, não é difícil sustentar a posição de que “toda prática *precisa* ser teoricamente orientada”.

Em específico, numa discussão que agregou autores de vários matizes, procuramos, tanto quanto possível, estabelecer correlação eficaz em prol do debate sobre o jornalismo de hoje. Em suma, realçamos dois aprendizados: primeiro, a percepção de que os objetos epistemológicos, teóricos e empíricos se atualizam, demandando revisões nos pontos de vista dos pesquisadores; e, segundo, a certeza de que o jornalismo deve apegar-se a novos fundamentos que lhe permitam se manter relevante¹³ na “sociedade da informação”, pois já não é suficiente insistir nos parâmetros que o alçaram ao patamar de “quarto poder” no bojo daquela sociedade industrial do século XX. Em última análise, ao situar o jornalismo como uma forma de conhecimento – com os desafios e as possibilidades que isso implica – é, sobretudo, uma estratégia que consideramos válida para mantê-lo significativo.

¹³ Harari (2018, p. 7), na introdução de suas “21 lições para o século XXI”, enfatiza que “**num mundo inundado de informações irrelevantes, clareza é poder**” (grifamos); e o jornalismo deve ser claro sobre o que quer ser.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Carlos Alberto. A pesquisa norte-americana. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luis; FRANÇA, Vera (orgs.). **Teorias da Comunicação**. Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001, p.119-130.
- BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (Org.). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa (Uma lacuna no pensamento jornalístico; Introd.)**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da Comunicação. São Leopoldo – RS, Unisinos. **Revista Verso & Reverso**, XXV (58): 62-77, janeiro-abril 2011.
- FRANCELIN, Marivalde Moacir. Abordagens em epistemologia: Bachelard, Morin e a epistemologia da complexidade. **Transinformação**, Campinas, 17(2): 101-109, maio/ago., 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/YRKcNvVKFXtTFh6j9T3FQgx/?lang=pt#>. Acesso em: 17 jun. 2021.
- GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre, Tchê, 1987. Disp. em: <http://www.adelmo.com.br/index1.htm>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- HARARI, Y. N. **21 lições para o século 21**. Trad.: Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- LEWIS, Seth C.; WESTLUND, Oscar (2014): Big Data and Journalism – Epistemology, expertise, economics and ethics. **Digital Journalism**. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/21670811.2014.976418>. Acesso em: 17 jun. 2021.
- LOPES, P. **Avaliação de competências de literacia mediática: instrumentos de recolha de informação e opções teórico-metodológicas**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018. Disp.: file:///C:/Users/Pc-%20hp/Downloads/201852035513211outfile.pdf. Acesso em: 19 jun. 2021.
- MARTINO, Luiz Cláudio. As epistemologias contemporâneas e o lugar da Comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003, pp. 69-101.
- MARTINO, Luis Mauro Sá. Minha pesquisa é de comunicação? [Capítulo I]. In: **Métodos de pesquisa em comunicação: Projetos ideias, práticas**. Editora Vozes Limitada, 2018, 320 p.
- ROCHA, Heitor Costa Lima da. A importância da epistemologia na Teoria do Jornalismo: a teoria pragmática do conhecimento e a qualidade da notícia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol. 8, N. 1 – jan. jun. de 2011. ISSN 1984-6924. DOI 10.5007/1984-6924.2011v8n1p276.
- SILVA, André Luís Silva da; FERREIRA, Marcello; FILHO, Olavo Leopoldino da Silva; PEREIRA, Samara Magalhães; MOURA, Paulo Rogério Garcez de. Epistemologias científicas do século XX: análise a partir da concepção de alunos de cursos de ciências. **Revista do Professor de Física**, Brasília, v. 2. n. 3, 2018. Disp. em: file:///C:/Users/CRISTI-1/AppData/Local/Temp/olavolsf,+EPISTEMOLOGIAS.pdf. Acesso em: 17 jun. 2021.
- SILVEIRA, Fabrício. “Qualquer coisa serve”: Paul Feyerabend e a ciência anárquica da Comunicação. Cópia fornecida pelo autor. 2021 a, 18p.
- SILVEIRA, Fabrício. **Fundamentos epistemológicos da Comunicação**. Apresentação de Slides para Aula 2 de Teorias da Comunicação. PPG em Comunicação, UFRGS, 2021 b, 48 p.
- STRINATI, Dominic. A Escola de Frankfurt e a indústria cultural. In: STRINATI, Dominic. **Cultura Popular**. Uma introdução. São Paulo: Hedra, 1999, pp. 61-91.